

# EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E APRENDIZAGEM COOPERATIVA: INCOMPATIBILIDADE OU POSSIBILIDADE?

Indaial – SC – Maio – 2011

Jacqueline Leire Roepke Capellaro

Centro Universitário Leonardo da Vinci – Grupo Uniasselvi – jacleire@gmail.com

Setor Educacional: Educação Universitária

Classificação da Área de Pesquisa: Nível macro – Teorias e Modelos.  
Nível meso – Tecnologia Educacional. Nível micro – Interação e Comunicação  
em Comunidades de Aprendizagem

Natureza: Relatório de pesquisa

Classe: Investigação científica

## **RESUMO**

*A Educação a Distância (EAD) vem crescendo com maior intensidade desde 1990, com o desenvolvimento da informática e das telecomunicações. Esta modalidade de ensino, em geral, prevê menor contato entre os colegas de curso, se comparada ao ensino presencial. Este artigo apresenta uma revisão bibliográfica sobre a relação entre EAD e aprendizagem cooperativa, com base na interação – pelo viés vygotskyano. Além disso, sugerem-se atividades possibilitadas pelas TICs (tecnologias da informação e comunicação) que podem instigar a interação.*

**Palavras chave:** EAD; relação estudante-estudante; aprendizagem cooperativa; interação; tecnologia da informação e comunicação.

Este trabalho foi orientado pela Msc. Brigitte Klemz Jung – brigitte@drj.com.br.

## 1. Introdução

Desde a década de 70 pode-se observar expressivas transformações sociais, culturais, políticas e econômicas. Este momento histórico denominado de Pós-Modernidade é composto por mudanças nos vínculos entre as pessoas e nas práticas culturais (APPEL-SILVA; BIEHL, 2006). Kodato e Santos (2005) caracterizam a contemporaneidade pelo enfraquecimento do espírito comunitário e o individualismo. Um panorama inédito tem-se desvelado, no qual as pessoas podem passar a amar, trabalhar e estudar virtualmente, ao mesmo tempo em que ocorre um declínio nas interações presenciais. Sendo assim, questiona-se: EAD e aprendizagem cooperativa são compatíveis? É possível propiciar maior interação entre os pares na EAD? Como? As TICs podem contribuir para isto? Quais atividades podem favorecer a interação?

## 2. EAD e mediação

Na EAD, docentes e discentes mantém contato, em geral, via telefone e/ou internet, tornando o momento presencial pouco frequente ou até mesmo, inexistente. Esta situação parece divergir da concepção vygotskyana, que considera o contato humano fundamental para a efetivação da aprendizagem.

De acordo com Moura e Oliva (1997), a atividade conjunta entre pares pode propiciar a aprendizagem. As autoras ressaltam que, para Vygotsky, o mediador pode ser o docente ou o colega. A teoria vygotskyana compreende que aprendizagem e interação estão intrinsecamente ligadas, tanto que, para que a aprendizagem se efetive, é necessário que haja alguém intermediando a relação entre o estudante e o saber.

Ao tratar da temática da interação numa perspectiva histórico-cultural, é necessário esclarecer que esta não se restringe às relações sociais diretas ou face a face, mas também representa as interações com as ferramentas culturais (técnicas ou simbólicas), que se integram na atividade humana através da mediação social (COLACO *et al*, 2007, p. 48).

A importância da mediação de alguém mais experiente ficou evidente. O docente, muitas vezes, é a pessoa ideal neste caso. Todavia, há situações em que a intervenção de um colega é mais eficiente no processo de ensino-aprendizagem. A próxima seção versa sobre esta temática.

### **3. Relação estudante-estudante**

Geralmente, o docente possui uma trajetória de estudos maior que a do estudante. Às vezes, a estrutura cognitiva do docente está tão imbricada que muitos conceitos lhe parecem óbvios, esquecendo-se do processo que o conduziu até então. Por vezes, sua mensagem é perpassada por jargões, vocabulário rebuscado, ou pela omissão de algumas informações que pode considerar “desnecessárias” – por supor que os discentes já as dominem. Além disso, há estudantes que se sentem acanhados ao questionarem os docentes, pela hierarquia que configura a relação. Neste sentido, a interação entre os colegas é um diferencial, por tratar-se de uma relação de “igual para igual”, que facilita a compreensão, através de vocabulário mais acessível. As falas de estudantes que afirmam só terem aprendido algum conceito ou conteúdo por intermédio de um colega, exemplificam tal situação.

Para Litto e Formiga (2009), a interação promove motivação, atenção, ameniza a sensação de isolamento, desenvolve o senso crítico e a capacidade de trabalhar em equipe. Parece que nos cursos presenciais, as relações estudante-estudante são privilegiadas, pois o encontro face a face ocorre mais vezes, favorecendo a mediação entre os pares. E nos cursos exclusivamente a distância? Loch (2009) constata que a maioria dos estudantes da EAD apresentam certa dificuldade de trabalhar em grupos. Porém, a autora desvela que quando o estudante expõe suas atividades, mesmo que não obrigatórias, elas são muito apreciadas pelos colegas e recebem consideráveis comentários destes. A seguir, esta questão será aprofundada. Já se antecipa que a interação não é inexistente na EAD. Ela apenas se processa de maneira peculiar.

### **4. Aprendizagem cooperativa**

A aprendizagem cooperativa equivale à relação entre pessoas, através de diálogo e negociações, constituindo um processo social, interrelacionado com a educação (FRANTZ, 2001). A aprendizagem cooperativa envolve trabalhar em comum, colaborar, auxiliar, construir coletivamente, compartilhar, respeitar, dialogar, socializar. Maia e Mattar (2007) expõem que há modelos de EAD que priorizam mais a interação entre pares do que outros. Estes autores

mencionam que existem cursos que não preveem a interação, por a considerarem incongruente com a proposta de EAD – que prima pela autonomia. Todavia, Maia e Mattar (2007) destacam que há estudiosos que acreditam que a interação deva fazer parte do conceito de EAD. “[...] oferecer instrução não é sinônimo de produzir aprendizagem, que seria garantida pela interação e pela comunicação” (MAIA; MATTAR, 2007, p. 54).

O ato de cooperar supera os resultados obtidos através da competição individual. Os efeitos são superiores, no que tange o desenvolvimento e o desempenho dos estudantes, quando eles trabalham ajudando-se mutuamente no processo de assimilação dos conteúdos. Aqui, a visão que se tem do estudante é a de que ele é agente/ator do seu próprio desenvolvimento auxiliado por seus pares mais diretos (MOURA; OLIVA, 1997).

Conforme Campos (2009), a EAD promove condições potencializadas de aprendizagem cooperativa, já que amplia a possibilidade de relação em rede, além de facilitar o encontro virtual entre pessoas de culturas diferentes, beneficiando uma visão mais abrangente de determinados fenômenos.

Mas, afinal, como instigar a relação estudante-estudante na EAD? As palavras anteriormente citadas: “rede” e “virtual”, já fornecem pistas de como a aprendizagem cooperativa pode ser efetivada na EAD.

## **5. Estimulação da aprendizagem cooperativa na EAD**

Com o império do individualismo, propor atividades cooperativas pode significar nadar contra a correnteza. Entretanto, a interação aprendiz-aprendiz na EAD está crescendo desde a década de 90, graças ao aprimoramento da telemática e tem conduzido à aprendizagem (LOCH, 2009). Moura e Oliva (1997) observam que a tecnologia possibilita o aumento de experiências mediadas, ampliando a construção de conhecimento.

O uso das TICs incentiva a interação, resultando no desenvolvimento de comportamentos colaborativos e autônomos, que podem se configurar em ambientes de aprendizagem mais dinâmicos e democráticos do que a sala de aula convencional (BELLONI; GOMES, 2008). Segundo estas autoras, os estudantes que fazem uso das TICs costumam trocar sugestões de autoestudo, experienciar a avaliação de riscos, analisar resultados decorrentes

de suas decisões, permitindo-se falhar mais. Há instituições que utilizam as TICs para promover a interação estudante-estudante, através de algumas ferramentas, que serão apresentadas a seguir.

O **fórum** tem sido muito utilizado, pois favorece o intercâmbio de informações. Uma questão é lançada e os estudantes são convidados a se posicionarem diante dela. Há instituições que estabelecem critérios de participação, como número determinado de linhas, coerência na escrita e uso de palavras-chave.

A **enquete** é composta por uma pergunta e por alternativas de resposta. Cabe ao estudante votar na alternativa que faz mais sentido para ele. Depois de votar, geralmente, ele pode acessar a distribuição dos votos e checar se concorda com a maioria ou não, e isto implicará em reflexões.

O **chat** instiga à comunicação espontânea de forma síncrona. Os estudantes entram numa sala de conversação *on-line* e trocam ideias. Maia e Mattar (2007) sugerem que o docente disponibilize um texto dias antes do encontro no *chat*, para que o conteúdo seja melhor explorado.

O **ambiente virtual de aprendizagem (AVA)** costuma disponibilizar os conteúdos das disciplinas, exercícios e provas constituindo uma sala de aula virtual. Possibilita espaço para a comunicação entre os atores envolvidos no processo e até mesmo um espaço de descontração (SCORSOLINI-COMIN, 2009). Pode dar mais lugar à interação dependendo de como for configurado. Existem AVAs que permitem aos estudantes visualizarem fotos e dados dos demais participantes do curso. Assim, os desinibidos já podem aproveitar para enviar mensagens através de *e-mail*, se apresentando e buscando firmar parcerias de estudo. Para motivar este comportamento, poderia se oferecer um espaço *on-line*, no qual o estudante pudesse se apresentar. O ideal seria que todos pudessem postar vídeos ou textos, que contenham um pouco da história de vida pessoal, da trajetória escolar, da vivência profissional, dos objetivos com o curso, etc. Realizando tal atividade, o estudante desenvolveria o autoconhecimento e, ainda, poderia conhecer outros colegas, dos quais, talvez, se aproximaria por afinidades.

Maia e Mattar (2007) comentam que a aula por **videoconferência**, proporciona interação entre os estudantes e o docente em tempo real, permitindo que os estudantes possam fazer questionamentos ou contribuições.

O **objeto de aprendizagem** consiste na apresentação de conteúdo de forma lúdica e resumida. Possibilita que o estudante verifique sua aprendizagem através de exercícios e *feedback*. Poderia ser elaborado visando à interação, prevendo um espaço de expressão para quem o utiliza. Grupos de estudantes poderiam criar objetos de aprendizagem esporadicamente.

Maia e Mattar (2007) afirmam que o **game** beneficia a construção do conhecimento de maneira mais lúdica do que as estratégias tradicionais. Jogos para dois ou mais jogadores, que visam à cooperação e não à competição, seriam ideais. O *Second Life* exemplifica isso, enriquecendo as aulas de história, em que o jogador pode caminhar virtualmente pelos cenários que remetem aos acontecimentos históricos. Aliás, diversas disciplinas têm investido na utilização do *Second Life* – até mesmo no meio universitário.

Parte-se do pressuposto de que a maioria dos estudantes de EAD possui autonomia. Contudo, isso não exime o docente de atrair estudantes que ainda não desenvolveram tal competência. Voltolini (2011) propala que enquanto o sonho de muitos docentes é o silêncio na sala de aula, o silêncio do estudante na EAD pode sinalizar problemas. Quando o estudante não participa das atividades propostas e não procura o docente, pode significar que está a um passo de desistir do curso. O papel do docente é convidar todos a participarem das atividades propostas. Vislumbra-se buscar os estudantes “desgarrados”, além das plataformas de aprendizagem, as quais podem parecer muito formais ou pouco familiares para alguns deles.

Outra estratégia consiste no uso dos **sites de relacionamentos** – como o *Twitter* e o *Orkut*. Caso a instituição permita, o docente poderia criar ou participar de determinadas comunidades para ter mais um canal de comunicação ‘docente-discente’ e ‘discente-discente’. Sugere-se que uma rápida pesquisa seja feita no *Orkut*: ao digitar o título de qualquer curso superior, na ferramenta de busca das comunidades, aparecerão comunidades repletas de participações. Nelas, frequentemente, os estudantes expressam suas constatações, apreensões, emoções e dúvidas. Há comunidades nas quais encontram-se participantes tão solidários que até socializam gabaritos.

Quanto ao **gabarito das provas**, geralmente, se disponibiliza a resposta esperada – elaborada pelo docente. O que acontece com as melhores respostas dadas pelos estudantes? Costumam receber uma pontuação e

serem arquivadas. Deveriam ser aproveitadas e disponibilizadas junto aos gabaritos, já que um dos segredos do sucesso da EAD é apresentar os conteúdos de formas diversas, com palavras diferentes.

Para o gabarito das **autoatividades**, poderia ser criado um *link* no AVA com o título “respostas das autoatividades”. Clicando ali, o estudante encontraria um convite: “Antes de visualizar as respostas, escreva a sua resposta no espaço abaixo”. Após participar, apareceriam todas as respostas postadas até então, cabendo ao docente intermediá-las.

Litto e Formiga (2009) recomendam as **atividades cruzadas**. Elas requerem que os estudantes troquem os trabalhos entre si, para avaliarem e comentarem.

**Atividades em dupla** ou em **equipe**, feitas a distância, também são estratégias excelentes. Na apresentação do trabalho, constaria a maneira pela qual foi elaborado e como dividiram as responsabilidades no grupo. Seriam propostas atividades desafiadoras, como a produção de vídeos sobre determinado tema. Os vídeos seriam divulgados no AVA para que o conhecimento pudesse ser disseminado entre os estudantes. Inocêncio e Cavalcanti (2006) consideram que trabalhos grupais na EAD podem contribuir para o desenvolvimento de algumas competências, tais como: comunicação, argumentação, criatividade, empatia e análise das informações. Algumas sugestões de atividades apresentadas por estas autoras são:

a) Aprendizagem baseada em problemas - envolve uma situação problema que demanda uma solução dos estudantes através de determinadas metodologias. b) Estudo de caso: os discentes recebem uma narrativa sobre a qual precisam estudar e articular com os conteúdos trabalhados. c) Debate – discussão em pequenos grupos que apresentariam a defesa de um determinado posicionamento. d) *Brainstorming* – o docente lança uma palavra chave e os estudantes devem incluir suas opiniões e/ou conhecimentos a respeito da mesma. e) Resenha crítica – os estudantes produzem um texto sobre determinada temática manifestando seus pareceres sobre ela. f) Quadros comparativos – os estudantes devem analisar os quadros e relacioná-los ou preenchê-los.

A seguir, serão elencadas algumas das propostas pedagógicas para a EAD feitas por Maia e Mattar (2007): a) *Starter-wrapper* – discussões

executadas por estudantes que desempenham papéis diferentes (mediador, questionador, comentarista). b) *Jigsaw* – um texto é dividido e cada grupo recebe uma parte para comentar, formando um quebra-cabeça. c) Reações a observações de campo – disponibilização de diários *on-line* a respeito de situações de estágio ou de outras experiências. d) *Scavenger hunt* – semelhante às caçadas, questões referentes a um tópico são aduzidas e os estudantes devem realizar pesquisas através de sites sugeridos pelo docente. e) *Round-robin* – parecidas com as corridas de bastão, um objetivo é proposto e cada membro do grupo o resolve parcialmente, passando assim para o próximo colega que acrescentará a sua contribuição. f) Simpósio – ideal para ser realizado no final de um semestre. Os próprios estudantes poderiam sugerir alguém para ministrar o simpósio, por exemplo, um convidado especialista.

Hack (2011) indica a criação de **grupos de estudo**, por intensificarem o sentimento de pertencimento do grupo. O autor cita que já há estatísticas apontando que grande parte de estudantes que concluem um curso superior de EAD atribuem a conquista à interação advinda do grupo de estudo.

Muitas das propostas citadas anteriormente já são utilizadas na EAD. No entanto, acrescentaram-se novas possibilidades às estratégias pedagógicas, com o intuito de ampliar ou melhorar o nível de aprendizagem cooperativa.

## 6. Considerações Finais

Conclui-se que as propostas pedagógicas, que visam à estimulação da aprendizagem cooperativa na EAD, podem desagradar parte dos estudantes, uma vez que a contemporaneidade propaga valores atrelados ao individualismo. No entanto, concorda-se com Vygotsky quando enaltece a relação estudante-estudante. A aprendizagem cooperativa pode propulsionar a aprendizagem, o desenvolvimento, a mudança, além de favorecer a construção mútua do saber. Portanto, busca-se encorajar os docentes da EAD a instigarem a interação entre os estudantes em vez de reforçarem a hegemonia ditada pela pós-modernidade.

As novas mídias são fortes aliadas da EAD, no que tange à interação entre os pares. A TIC ampliou as possibilidades dos estudantes. Agora, o



conhecimento pode ser construído ativa e coletivamente, superando a transmissão de informações. Virtualmente, os estudantes podem criar mais e propagar suas produções para um número maior de pessoas que, possivelmente, incrementarão tais produções. Corroborando, assim, a premissa vygostskyana de que para se construir humano, o homem depende da interação social (REGO, 1995).

### Referências

APPEL-SILVA, Marli; BIEHL, Kátia. Trabalho na pós-modernidade: crenças e concepções. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 6, n. 2, set. 2006 . Disponível em:

<[http://pepsic.homolog.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-61482006000200011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.homolog.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482006000200011&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 09 mar. 2011.

BELLONI, Maria Luiza; GOMES, Nilza Godoy. Infância, mídias e aprendizagem: autodidaxia e colaboração. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 29, n. 104, out. 2008 . Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302008000300005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302008000300005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 07 mar. 2011.

CAMPOS, Gilda. H. B. EAD: mediação e aprendizagem durante a vida toda. In: LITTO, Fredric; FORMIGA, Marcos (Org.). **Educação a distância**: o estado da arte. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009. p. 271-281.

COLACO, Veriana de Fátima Rodrigues et al . Estratégias de mediação em situação de interação entre crianças em sala de aula. **Estudos de Psicologia. (Natal)**, Natal, v. 12, n. 1, abr. 2007. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-294X2007000100006&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2007000100006&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 11 mar. 2011.

FRANTZ, Walter. Educação e cooperação: práticas que se relacionam. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 6, dez. 2001. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-45222001000200011&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222001000200011&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 09 mar. 2011.

HACK, Josias. **Gestão da educação a distância**. Palestra proferida no Centro Universitário Leonardo da Vinci, 19 fev 2011.

INOCENCIO, Doralice; CAVALCANTI, Carolina Magalhães Costa. O papel do professor como mediador do processo de ensino-aprendizagem em ambientes on-line. **Cadernos de psicopedagogia**, São Paulo, v. 6, n. 11, 2007.

Disponível em:

<[http://pepsic.homolog.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1676-10492007000100007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.homolog.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-10492007000100007&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 08 mar. 2011.

KODATO, Sergio; SANTOS, Manoel Antônio dos. Processo grupal e crise da pós-modernidade: o que vemos, o que nos olha!. **Revista da SPAGESP**, Ribeirão Preto, v. 6, n. 2, dez. 2005. Disponível em:

<[http://pepsic.homolog.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-29702005000200008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.homolog.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702005000200008&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 08 mar. 2011.

LITTO, Fredric; FORMIGA, Marcos (Org.). **Educação a distância**: o estado da arte. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

LOCH, Márcia. **Tutoria na educação a distância**. Indaial: Grupo Uniasselvi, 2009.

MAIA, Carmem; MATTAR, João. **Abc da EaD** – a educação a distância hoje. São Paulo: Pearson Prentice, 2007.

MOURA, Maria Lúcia Seidl de; OLIVA, Angela Donato. Condições facilitadoras da aprendizagem cooperativa num ambiente de comunicação eletrônica em rede: o papel do professor. **Temas em Psicologia**. Ribeirão Preto, v. 5, n. 1, dez. 1997. Disponível em:

<[http://pepsic.homolog.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X1997000100009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.homolog.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1997000100009&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 08 mar. 2011.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis: Vozes, 1995.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio et al. Contribuições de uma experiência de estágio em educação a distância para a formação do profissional da informação. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, v. 10, n. 1, jun. 2009. Disponível em:

<[http://pepsic.homolog.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-33902009000100010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.homolog.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902009000100010&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 12 mar. 2011.

VOLTOLINI, Jaime. **Tutoria na EAD**. Palestra proferida no Centro Universitário Leonardo da Vinci, 05 mar 2011.